

Este artigo é parte integrante da

revista.batistapioneira.edu.br

# REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 6 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2017

## O SIGNIFICADO DO NÚMERO DA BESTA – “OS SÁBIOS ENTENDERÃO!”

The meaning of the number of the beast – “the wise shall understand!”

*Edmar dos Santos Pedrosa<sup>1</sup>*

### RESUMO

O profeta Daniel faz uma enigmática afirmação em seu livro que só poderá ser respondida no último livro da Bíblia. O fim dos tempos é assunto que mexe profundamente com a mente das pessoas. O que acontecerá? Como acontecerá? Será que vai acontecer mesmo? São perguntas sinceras que merecem repostas bíblicas fundamentadas. Entre estas dúvidas sinceras, surge uma que aflige a comunidade cristã e secular desde os tempos passados: o que significa o número da besta? Saber esta resposta certamente facilitaria a vida daqueles que não querem de jeito nenhum receber este símbolo em sua mão direita ou na sua testa. O problema é que, não sabendo a resposta certa,

<sup>1</sup> Doutorando em Tocoginecologia pela UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), Mestre em Teologia pela FABAPAR (Faculdades Batista do Paraná), Graduado em Ciências Policiais e de Segurança Pública pela Academia de Polícia Militar do Barro Branco, Bacharel em Direito pela Universidade Salesiana de Campinas, Graduado em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de Campinas. E-mail: es.pedrosa@hotmail.com

as pessoas podem estar a passos largos em um caminho errado, e o pior é o destino que este caminho vai levá-los, ou seja, o inferno. Viver nesta dúvida gera ansiedade, angústia, medo e um profundo sentimento de vazio espiritual em algumas pessoas. Como o assunto é tratado na Bíblia nas literaturas de Daniel e João, o apóstolo, ambas classificadas como apocalípticas, devido ao seu caráter simbólico, profético e futurista, a correta interpretação depende de estudo bíblico sério e harmonioso com os demais textos e formas literárias contidas nas Escrituras sagradas. Precisa ser sábio para interpretar o número da besta, pois é número de homem. O que vem a ser isto?

**Palavras-Chave:** Profecia. Revelação. Número da besta. Interpretação bíblica.

## ABSTRACT

The prophet Daniel does an enigmatic statement in his book that can only be answered in the final book of the Bible. The end of time is a subject that deeply moves with people's minds. What will happen? How happen? Will it happen again? Will it happen even? They are sincere questions that deserve grounded biblical answers. Among these sincere doubts, It comes one that afflicts the Christian and secular community since ancient times: which means the number of the beast? Knowing this answer would certainly facilitate the lives of those who do not want no way to receive this symbol on their right hand or on his forehead. The problem is that, not knowing the right answer, people may be at a rapid pace in a wrong way, and the worst is the fate that this path will lead them, that is, hell. Live in doubt creates anxiety, distress, fear and a deep sense of spiritual emptiness in some people. As the subject is treated in the Bible in the literatures of Daniel and John the apostle, both classified as apocalyptic, because of its symbolic, prophetic and futuristic, the correct interpretation depends on serious and harmonious Bible study with other texts and literary forms contained in sacred scriptures. You need to be wise to interpret the number of the beast, for it is man's number. What's this?

**Keywords:** Prophecy. Revelation. Number of the beast. Biblical Interpretation.

## INTRODUÇÃO

Na literatura profética produzida por Daniel, ao tratar das coisas que

acontecerão no final dos tempos, o autor fez um chamado aos leitores afirmando que “os sábios entenderão” as coisas ditas por ele.<sup>2</sup> Para não ficarem dúvidas neste caso, ele completa a ideia mostrando sobre qual assunto está profetizando - a abominação assoladora. Sabendo que tratava de assunto misterioso, parece que o profeta estava consciente que Deus realmente revelaria ao seu povo o conhecimento do final dos tempos.<sup>3</sup>

Agora, para esclarecer esta afirmação profética de Daniel, se faz necessário construir uma ponte com o livro de Apocalipse na tentativa de compreender sua profecia. Todavia, surgirá outro mistério - o número da besta. Aquele mesmo, poetizado por bandas de *heavy metal*, alegorizado por teólogos sinceros e estigmatizado até por pessoas pouco ou nada religiosas, tornando-se um dos maiores mistérios bíblicos até os dias de hoje.

Talvez nenhum versículo da Bíblia tenha sido objeto maior de especulação do que Apocalipse 13.8.<sup>4</sup> No mínimo, o assunto aguça a curiosidade e desafia a criatividade de pessoas que desejam, quase unanimemente, adivinhar o que acontecerá no futuro. No entanto, Pate faz um relevante alerta ao afirmar que a leitura do último livro da Bíblia, como se fosse uma visão em uma bola de cristal, causou inegavelmente mais dano do que proveito e hermenêuticas responsáveis a evitam.<sup>5</sup>

O presente trabalho se propõe a contribuir para a correta interpretação deste, que, entre outros, é um dos mais difíceis e polêmicos das Escrituras sagradas. Como o assunto gera controvérsias, nem ao longe se espera ou almeja dar a palavra final sobre o tema, mas somente apresentar uma opção interpretativa razoável e com base bíblica e histórica, respeitando a cultura e a época em que o texto foi produzido para, assim, sugerir uma nova forma de se olhar para a questão.

As dificuldades interpretativas ocorrem especialmente por conta dos enormes abismos que separam a sociedade contemporânea e a época em que os textos apocalípticos foram escritos. Vencer estes abismos é um grande desafio. Para tanto, este trabalho discorrerá sobre a importância das técnicas

---

<sup>2</sup> Bíblia Sagrada. Versão Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil. Daniel Cap. 12.

<sup>3</sup> OSBORNE, Grant R. **Comentário exegético**: Apocalipse. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 582.

<sup>4</sup> OSBORNE, 2014, p. 582.

<sup>5</sup> PATE, C. Marvin. **As interpretações do Apocalipse**: quatro pontos de vista. São Paulo: Vida, 2003, p. 11.

de interpretação bíblica, bem como os motivos que levaram João, escritor do Apocalipse, a usar a linguagem simbólica através de números matemáticos.

A ideia será propor uma possibilidade de resposta à pergunta que se arrasta por séculos: o que João quis dizer com o número 666. Por estas e outras razões, muitas interpretações criativas, geralmente desprovidas de qualquer racionalidade ou espiritualidade, vão surgindo mundo a fora. Conhecer o contexto judaico, social, cultural e histórico, em que a literatura apocalíptica foi produzida também é fundamental.

Olhando para a sociedade pós-moderna e, no intuito de auxiliar na resposta interpretativa, uma visão antropológica dos termos mão e testa se fará necessária. Compreender o que significava naquele contexto antigo e o que pode significar nos dias de hoje. Que tipo de pensamentos e ações humanas podem ser comparadas a atitudes anticristãs para justificar a teoria abordada.

## 1. UMA NECESSIDADE INTERPRETATIVA

O termo “besta”, que aparece no Apocalipse, também se refere ao anticristo, o qual, de acordo com o que foi revelado a Paulo,<sup>6</sup> se assentará no santuário de Deus, apresentando-se como se fosse Ele, conforme foi profetizado por Daniel<sup>7</sup> e, posteriormente, confirmado por Jesus.<sup>8</sup> Todavia, se a besta é uma figura que provoca nas pessoas muita curiosidade, o número atribuído a ela e a seus adoradores evoca a criatividade e elucubração dos leitores quanto ao seu real significado.

Como o assunto é bastante controverso, o risco de alegorizar é muito grande, embora não seja o objetivo do presente trabalho. Importante lembrar que na cidade de Alexandria, localizada no Egito antigo, de onde, aliás, foram preservados os melhores textos conhecidos, existia um filósofo e teólogo conhecido pelo nome de Orígenes<sup>9</sup>, que inova ao criar uma forma bem particular de interpretação - a **alegoria**. ***Isso nada mais é do que o texto bíblico dizer uma coisa e o intérprete entender e dizer outra!*** É, na prática, o mesmo que fazer a Bíblia falar a qualquer tempo e a qualquer pessoa,

<sup>6</sup> 2 Tessalonicenses Cap. 2.

<sup>7</sup> Daniel Cap. 9 e 11.

<sup>8</sup> Mateus Cap. 24.

<sup>9</sup> **ORÍGENES de Alexandria (185-253)** foi um teólogo, filósofo neoplatônico patrístico e é considerado um dos padres gregos. Foi um prolífico escritor cristão ligado a Escola Catequética de Alexandria.

dando aos textos um significado que, originalmente, eles nunca tiveram. Não há a preocupação de fazer a Bíblia falar aquilo que ela quer falar, mas fazer com que o ouvinte ouça aquilo que ele quer ouvir, não necessariamente aquilo que ele precise ouvir.

Combatendo esse sério risco, a primeira regra para interpretação de um texto bíblico é a busca pelo seu sentido natural ou mais conhecido como princípio da simplicidade, pois é natural para Deus revelar a si mesmo.<sup>10</sup> Devido à dificuldade interpretativa, muitas discordâncias podem surgir, o que não impede de buscar uma solução plausível.

Quando cristãos igualmente bíblicos discordam em questões dessa natureza, o que devemos fazer? Deveríamos ser humildes o bastante para reexaminá-las à luz dos princípios legítimos de interpretação. E deveríamos ser maduros o bastante para discuti-las uns com os outros sem nenhum rancor. Se depois ainda discordarmos, devemos considerar esses pontos controversos como de importância secundária e respeitar uns aos outros com amor e tolerância cristãos mútuos. Deveríamos também nos regozijar de que em outras doutrinas centrais da fé permanecemos de acordo, pois quanto a elas a Escritura exprime-se claramente, de forma quase auto-interpretadora.<sup>11</sup>

Ainda segundo o autor, não pode ser relegado a segundo plano o fato de que o texto da Escritura tem um contexto duplo: histórico e escritural. Seu contexto na história é a situação em que foi escrito. Seu contexto na Escritura é o lugar onde se encontra.<sup>12</sup> Estas informações ajudam o leitor e intérprete a não divagar muito no significado original proposto para o texto bíblico.

O contexto histórico de uma passagem bíblica é fundamental para chegar ao seu significado. Assim, verificar os acontecimentos que levaram o texto até aquele ponto, as tendências importantes e os desdobramentos em Israel e no restante do mundo, se influenciaram ou não, bem como as condições históricas e em quais condições a passagem foi escrita, é fundamental. Depois de feita esta análise, deve ainda o intérprete observar cuidadosamente o ambiente social, os aspectos geográficos e, enfim, a época da passagem.<sup>13</sup>

<sup>10</sup> STOTT, John. **Entenda a Bíblia**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005, p. 222.

<sup>11</sup> STOTT, 2005, p. 223.

<sup>12</sup> STOTT, 2005, p. 237.

<sup>13</sup> STUART, Douglas; FEE, Gordon D. **Manual de exegese bíblica**: Antigo e Novo Testamento.

## 2. A HUMANIDADE DA BESTA

Por se tratar de linguagem figurada e simbólica, a literatura profética apresenta a besta como um ser envolto em grande mistério. No entanto, certamente ela tem um significado próprio, caso contrário não seria mencionado nos textos sagrados. Deus quer revelar uma verdade através dos autores inspirados por Ele a respeito desta figura enigmática. Porém, a besta seria um ou mais animais? Sistemas de governo locais ou mundiais? Ou na prática refere-se a pessoas de carne e osso que, de alguma forma, um dia se exaltarão tentando assumir o lugar de Deus?

### 2.1 UMA PROPOSTA HERMENÊUTICA

A marca da besta, segundo a maioria dos hermeneutas dos textos bíblicos, será uma tentativa do anticristo e do falso profeta para controlar toda a humanidade, seja ela formada por pequenos, grandes, ricos, pobres, livres ou escravos. Parece razoável interpretar esse anticristo como sendo um homem e não um sistema. A palavra besta surge na literatura apocalíptica de Daniel<sup>14</sup> e na última obra do Novo Testamento, porém em ambos o termo indica um império ou poderio, ou seja, homens - pessoas reais.

Partindo deste pressuposto, convém lembrar que homens possuem vontades e desejos, muitas vezes não medindo esforços para atingir seus intentos. Ao usar o termo besta para tratar de pessoas, se este foi o caso, estas possuem um desejo satânico, fruto de um coração decaído e maligno, presente no mundo corrompido pelo pecado.

Confirma-se esta assertiva o fato de que no próprio livro de Daniel<sup>15</sup> há um capítulo que possui mais de cem mensagens específicas, todas já cumpridas na história.<sup>16</sup> Em Apocalipse, a profecia mostra claramente uma forma de governo mundial exercida pela besta e seu braço direito, ali chamado de falso profeta, apresentando a primeira figura como um grande ditador mundial saído de um

---

São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 35-36.

<sup>14</sup> O livro de Daniel é frequentemente classificado como literatura apocalíptica, palavra esta derivada de termo grego *apokalypsis* (que significa desvendamento, revelação), porque muitas de suas profecias foram reveladas em forma simbólica. No entanto, o próprio texto explica os símbolos de que se vale e atribui-lhes um significado normal (WALVOORD, John F. **Todas as profecias da Bíblia**. São Paulo: Vida, 2000, p.187).

<sup>15</sup> Daniel Cap. 11.

<sup>16</sup> WALVOORD, 2000, p. 187.

contexto relacionado com o mediterrâneo.<sup>17</sup>

Para identificar estes líderes e seus seguidores, o apóstolo João, autor da carta de Apocalipse, os apresenta pelo número 666, número este que, no decorrer dos séculos, tem levado os intérpretes a tentativas frustradas de compreender seu significado. O que parece estar razoavelmente confirmado é que este número refere-se a homens, já que vem descrito categoricamente no próprio texto.<sup>18</sup>

## 2.1 UMA POSSIBILIDADE EXEGÉTICA

Na interpretação hebraica, *gematria*<sup>19</sup> é um sistema de dedução de um texto por meio da localização de uma relação relevante entre as palavras, cujos números são idênticos ou se relacionam pela simples aritmética. Esse recurso é utilizado, por exemplo, quando uma mesma pessoa recebe na literatura rabínica um nome principal e outros assessórios que, quando utilizados, poderia não ficar evidente ao leitor. Assim, para ficar claro, a gematria explicava a palavra atribuindo valores numéricos às letras. Por exemplo, as letras “YHVH” – *yud, heh, vav e heh* – equivalem a 10, 5, 6 e 5.<sup>20</sup>

A literatura hebraica aprecia muito o uso de números para comunicar sua mensagem. No mesmo Apocalipse, o “7” é um dos números mais significativos, indicando sempre a perfeição; a besta quer ser Deus, mas seu número não é 777 e sim 666<sup>21</sup>, ou seja, número atribuído ao homem na literatura hebraica, uma vez que o homem foi criado no sexto dia.<sup>22</sup>

O número pode ser totalmente simbólico. O nome do Messias em grego, *Iêsous*, soma 888; vê-se o 7 como o número perfeito; e a repetição tripla simboliza o supremo absoluto (como Isaiás 6.3 “Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos”). Portanto, 888 quer dizer que *Yeshua* está, absoluta e totalmente, além da perfeição, enquanto 666 representa que, em todos os aspectos, a besta fica

<sup>17</sup> WALVOORD, 2000, p. 505.

<sup>18</sup> Apocalipse Cap. 13.

<sup>19</sup> Palavra hebraica derivada da grega “geômetria”, que dá origem a nossa “geometria” (STERN, David H. **Comentário Judaico do Novo Testamento**. Belo Horizonte: Atos, 2008, p. 902).

<sup>20</sup> A soma do quadrado dos números referentes à YHVH é 186, que é o mesmo número de “*Makon*” – *mem, kuf, vav, mem*(40+100+6+40) Ambas significando Deus (STERN, 2008, p. 902).

<sup>21</sup> Em grego e em hebraico cada letra tinha um valor numérico segundo o lugar no alfabeto. O número de um nome é o total de suas letras. Aqui “666” seria Cesar Neron (em letras hebraicas); “616” (var.), César Deus (em letras gregas). (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1973, p. 2316).

<sup>22</sup> WALVOORD, 2000, p. 511.

aquém da perfeição e, por isso, é, absoluta e totalmente, imperfeita e má.<sup>23</sup>

No entanto, a pior afronta ao Deus de Israel será a intenção desse homem, tratado nas profecias como a besta, de querer ser adorado como Deus, por isso ele busca se assentar no templo. Nenhuma abominação maior do que essa poderia ser imaginada. Não há necessidade, neste quesito, de buscar uma interpretação misteriosa ou complicada, uma vez que tanto Paulo, quanto João e também Daniel estão se referindo à mesma pessoa, um homem chamado de anticristo.<sup>24</sup>

A besta tem um caráter blasfemo (13.5-6) e requer adoração (13.8). Os romanos consideraram muitos de seus imperadores como deuses (Mt 22.21). Nero pensou em si como sendo o deus Apolo, por exemplo.<sup>25</sup>

### 3. POR QUE FALAR DE USO NA MÃO “E”<sup>26</sup> NA TESTA?

O sinal colocado na mão direita ou na testa, aqui representado pelo número 666, parece que foi uma tentativa de zombar dos escribas e fariseus,<sup>27</sup> judeus zelosos e muito vaidosos que faziam de tudo para serem vistos, inclusive alargando seus filactérios<sup>28</sup> e encompridando as franjas das suas vestes (23.5), transformando a religiosidade em um verdadeiro fardo colocado sobre os ombros dos homens.<sup>29</sup> É provável que João e seus leitores também vissem a marca da besta como uma paródia do uso dos filactérios.<sup>30</sup>

#### 3.1 NO CONTEXTO VETEROTESTAMENTÁRIO

Naquele período histórico, os judeus ortodoxos e conservadores tinham o hábito de usar na mão e na testa o *mitzvo*<sup>31</sup> de Deus em obediência, quase

<sup>23</sup> STERN, 2008, p. 902.

<sup>24</sup> HUNT, Dave. **Jerusalém**: um cálice de tontear. Porto Alegre: Actual, 1999, p. 324.

<sup>25</sup> PATE, 2003, p. 71.

<sup>26</sup> Comparado com Apocalipse 20.4 que diz claramente “e” e não “ou”: Os que não tinham adorado a besta nem sua imagem, e não tinham recebido sua marca na testa *nem* nas mãos (STERN, 2008, p. 901).

<sup>27</sup> STERN, 2008, p. 901.

<sup>28</sup> Filactérios são pequenas caixas de couro, contendo cada qual quatro tiras de pergaminho inscritas com citações do Pentateuco. Estes cubos ficavam atados a tiras de couro, que eram usadas para prendê-los à mão esquerda e à frente durante a adoração matinal (YOUNGBLOOD, Ronald F.; HARRISON, R. K. **Dicionário ilustrado da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 571).

<sup>29</sup> Mateus Cap. 23.

<sup>30</sup> OSBORNE, 2014, p. 580.

<sup>31</sup> É o nome dado ao conjunto de todos os mandamentos que, de acordo com o judaísmo, constam

que sacramental, ao preceito de Deuteronômio 6.8, que determina amarrá-lo como um sinal nos braços e também prendê-los na testa. Embora proponham muitas significações, a marca da besta refere-se a um período de controle totalitário por intermédio de elementos religiosos sobre a vida econômica.<sup>32</sup>

Mão, no contexto cultural hebraico, pode representar as ações desempenhadas por uma pessoa. É com ela que se executam ações. Testa, por sua vez, pode representar a maneira de pensar, uma vez que, na verdade, está se referindo à mente humana. Desta forma, aquilo que se pensa com a mente, se executa com as mãos.

No conteúdo do quinto livro do Pentateuco,<sup>33</sup> em que ocorre a repetição dos estatutos contidos nos outros quatro anteriores, o autor está se referindo aos mandamentos, aos estatutos e aos juízos mandados por Deus, que deveriam ser ensinados, e isso só é possível pela atividade intelectual que, depois de assimilados, deveriam ser cumpridos através de ações reais. Encerrando o texto, o autor deixa clara sua intenção de que estas palavras deveriam ser assimiladas pelo coração do leitor, depois deveriam ser ensinadas às próximas gerações e, por fim, serem vistas o tempo todo para que não fossem esquecidas. Seguindo esta linha, mão e testa ganham outra forma de interpretação.

### 3.2 SEGUNDO A NOVA ALIANÇA

No evangelho mais judaico de todos,<sup>34</sup> Jesus, apresentando um sermão impactante aos seus ouvintes, usa esta forma de expressão ao afirmar que, se um homem olhar para uma mulher e a desejar em seu coração, comete adultério com ela. Nitidamente Ele se refere à mente, ao pensamento. Prossegue seu sermão, afirmando que a pessoa deve se livrar dos pensamentos pecaminosos, pois, inevitavelmente, eles o conduzirão à práticas pecaminosas. Por isso, se o olho o fizer pecar ou a mão direita o escandalizar, é melhor arrancá-los.<sup>35</sup> Aqui existe uma real correlação entre mente e ação, testa e mão, por isso é melhor abandonar o erro, do que ser lançado no inferno.

Em outro momento, no mesmo evangelho, novamente Jesus usa estas

---

na Torah.

<sup>32</sup> STERN, 2008, p. 901.

<sup>33</sup> Deuteronômio Cap. 6.

<sup>34</sup> CHAVES, Irênio Silveira. **Mateus**: o evangelho do reino. Rio de Janeiro: JUERP, 2005, p. 17.

<sup>35</sup> Mateus Cap. 5.

figuras para ilustrar seu discurso quanto aos perigos dos escândalos,<sup>36</sup> de modo que a pessoa não deve provocar escândalos com a mão direita, representando suas ações, ou mesmo com seu olho, uma vez que é ele que gera os pensamentos, pois esta prática também conduz ao inferno.

Parece que, para Jesus, os olhos tinham função primordial na vida de qualquer pessoa, e sendo assim, se eles fossem bons, produziriam pensamentos bons e, conseqüentemente, todo o corpo seria bom, produzindo boas ações, muitas vezes praticadas por meio das mãos.<sup>37</sup> Na mesma carta de Apocalipse, João menciona que os servos de Deus serão selados para mostrar que são pertencentes a Ele, recebendo seu sinal na testa.<sup>38</sup> Isso permite inferir que não se trata de uma marca física e ostensiva, mas de um comportamento cristão demonstrado pelo pensamento e a conseqüente adoção de atitudes sadias oriundas deste. Desta forma, ele será exteriorizado justamente pelas atitudes praticadas e não pela grafia da marca colocada.

Confirma este entendimento o fato de que o selo de Deus nas pessoas, várias vezes mencionado nas Escrituras, é representado pelo Espírito Santo habitando no interior delas, e não por uma marca externa colocada em cada uma, em forma de objeto ou número.<sup>39</sup>

Dessarte, é razoável compreender que a marca da besta guarda íntima relação com maneiras de pensar. É o pensamento contrário a Deus, que não quer depender dele, que se acha autossuficiente e dono de seus sentimentos. É o egoísmo e o hedonismo<sup>40</sup> agindo conjuntamente. A besta pensa assim e todos os seus seguidores também pensarão da mesma maneira, como se fosse uma cultura geral anticristã arraigada na mente das pessoas. Pode ser uma hipótese de interpretação do famoso número da besta a ser escrito nas testas dos homens que querem viver sem Deus.

No mesmo sentido, a marca da besta tem relação com ações reais, com atitudes práticas, com aquilo que se faz. É a prática de atos contrários à vontade de Deus, é o fazer coisas sem ao menos se importar com o padrão divino, numa total conduta anticristã. Seria o fazer o que todo mundo faz,

<sup>36</sup> Mateus Cap. 18.

<sup>37</sup> Mateus Cap. 6.

<sup>38</sup> ARCHER, Gleason Leonard. **Enciclopédia de temas bíblicos**: respostas às principais dúvidas, dificuldades e “contradições” da Bíblia. São Paulo: Vida, 2001, p. 363.

<sup>39</sup> 2 Coríntios Cap.1 e Efésios Cap. 1 e 4. “Fostes selados com o Espírito Santo”.

<sup>40</sup> Modo de vida inspirado ou dedicado ao prazer.

sem raciocinar princípios éticos cristãos. A besta age exatamente assim, afinal de contas, acha que não depende de Deus, já que ela mesma se acha um ser divino. Se a besta faz, todos que seguem suas ações também o farão. Pode ser uma interpretação plausível do número da besta colocado na mão direita dos homens.

Osborne foi feliz quando afirmou que as pessoas não poderão comprar ou vender, a besta agora é identificada com seu nome e este nome é apresentado por um número. Temos mais uma vez a grande imitação: crentes têm o “nome” de Cristo em sua testa (Ap.22.4), enquanto os não salvos têm o “número da besta”.<sup>41</sup>

## 4. O ARGUMENTO DAS REPETIÇÕES TRINAS

Para compreender a razão da repetição tripla de números ou palavras na Bíblia, se faz fundamental compreender que este ato simboliza o supremo absoluto.<sup>42</sup> Para exemplificar esta afirmação, o profeta Isaías, ao tentar mostrar a natureza, o nome e o poder de Deus para mostrar que Ele domina sobre os céus e a terra, mostra que serafins clamavam como um trovão dizendo: Santo, Santo, Santo.<sup>43</sup> Esta afirmação só vai aparecer outra vez em Apocalipse e, em ambos os casos, está sendo cantada por seres celestiais.<sup>44</sup>

### 4.1 POR QUE REPETIR TRÊS VEZES?

A prática de repetir três vezes a mesma palavra ou sentença pode ser conhecida como *triságio*. Esta era uma prática muito comum entre os judeus, tanto que vão aparecer casos semelhantes em Jeremias 7.4, Jeremias 22.29, Ezequiel 21.27 e 1 Samuel 18.23. Parece que este argumento literário quer evocar no leitor uma espécie de superlativo, dar uma ênfase muito grande, expressar com força algo que se pretende dizer sobre uma pessoa ou uma causa.

Dizer que Deus é santo talvez não expresse com intensidade e paixão o quanto de santidade Deus possui. Por isso, usando linguagem hebraica, repete-se por três vezes a mesma palavra (santo) para dizer em alto e bom

<sup>41</sup> OSBORNE, 2014, p. 581.

<sup>42</sup> STERN, 2008, p. 902.

<sup>43</sup> CARSON, D. A. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 963.

<sup>44</sup> Isaías Cap.6 e Apocalipse Cap. 4.

som que Deus é absoluta e infinitamente santo, é santíssimo demais.

Seguindo por este caminho, dá para suggestionar, então, que o anticristo, o homem que age e pensa contrário a Deus, pode ser reconhecido por meio do número 666, o qual será colocado nos seus seguidores, em sua testa ou em sua mão. Três vezes repete-se o número “6”. Para a literatura judaica, “6” é o número relacionado ao homem e, portanto, citar 666 pode significar que o autor está querendo deixar bem claro sobre o que está falando, ou seja, de homens na pura acepção da palavra. Homens não são deuses.

Para dar ênfase a uma pessoa ou a uma característica específica, o método de repetição trina surtia bastante efeito na mente dos destinatários dos textos bíblicos e pode ser um argumento útil para interpretação de mistérios relacionados nas profecias quanto ao final dos tempos.

## 4.2 PEDRO, TU ME AMAS?

João, o apóstolo e mesmo escritor de Apocalipse, deixa este argumento literário mais claro ainda ao encerrar o evangelho que leva o seu nome, mostrando o diálogo mais impactante entre Pedro e Jesus logo depois da sua ressurreição e momentos antes de sua partida para o céu. Ali, Jesus pergunta por três vezes seguidas a Pedro se este o amava. Pedro responde a cada uma das perguntas, mas na terceira vez, como bom judeu que era, ele se entristeceu com a tripla repetição da pergunta, talvez por ter entendido de uma vez por todas a grandeza da indagação e o tamanho de sua responsabilidade a partir de então. Sua resposta foi clássica e impactante, ao afirmar que Jesus sabia de todas as coisas, inclusive o quanto ele o amava.<sup>45</sup>

O discurso foi realizado em aramaico, pois era esta a linguagem corrente falada por ambos os interlocutores. No entanto, foi reproduzida por João em grego, assim a variação das duas palavras gregas para referir-se a amor deve-se à ênfase de estilo:

Em termos de estilo, este diálogo entre o Senhor e seu discípulo é interessante por causa do uso de sinônimos. São usadas duas palavras que significam amar (*agapao* e *phileo*), duas palavras para designar o cuidado do rebanho (*bosko* e *poimano*), duas para o rebanho em si (*armia* e *probatia*) e duas para saber (*oida* e *ginosko*). Esta alternância de sinônimos é um dos traços característicos

<sup>45</sup> João Cap.21.

do grego do autor; ela dificilmente reflete uma variação comparável de vocabulário na linguagem que Jesus e Pedro provavelmente usaram.<sup>46</sup>

O importante mesmo nesta fala é destacar que Jesus queria reabilitar Pedro e reconvocá-lo para a missão pastoral, à qual ele foi chamado e não mais para ser pescador de peixes, afinal de contas, em seu chamado para ser discípulo, o mestre não deixou dúvidas sobre o que esperava dele – ser pescador de homens.<sup>47</sup> Pedro voltou a sua antiga atividade profissional, contrariando seu chamado ministerial.

O apóstolo, que talvez se encontrasse desanimado, ansioso e em dúvidas sobre tudo que havia presenciado naqueles dias, precisava ouvir aquelas palavras de Jesus. Precisava ouvi-las de uma forma que não restassem dúvidas em sua mente humana e que, daquela vez em diante, aquelas palavras tivessem o poder de mudar sua conduta de uma vez por todas. Possivelmente, por isso, Jesus repete aquelas sentenças por três vezes seguidas, convocando Pedro a reafirmar seu amor pelo Senhor.<sup>48</sup> O argumento da repetição trina é de fato muito potente – mudou Pedro definitivamente.

No livro histórico de Atos, Lucas mostrou a mudança real sofrida pelo apóstolo depois daquela conversa. Naquele relato, o antigo pescador de peixes se revela um grande e inigualável pescador de homens, tanto que, na sua primeira aparição pública, o reino de Deus é acrescido de quase três mil pessoas.<sup>49</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Talvez a igreja cristã contemporânea, bem como toda a sociedade, já esteja recebendo o número da besta em sua testa ou em sua mão direita. Pessoas de variadas religiões com origem cristã, e de outras também, na atualidade pensam de forma contrária aos preceitos cristãos. Adotam pensamentos diabólicos e assim eles mentem, desejam coisas que não eram para serem desejadas, invejam, não desejando aquilo que outras as pessoas tenham ou que elas são, cobiçam aquilo que pertence aos outros e possuem a mente tão cauterizada que nem percebem que seus pensamentos são anticristãos, ou

<sup>46</sup> BRUCE, F. F. **João**: introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 1987, p. 344.

<sup>47</sup> Lucas Cap.5.

<sup>48</sup> BRUCE, 1987, p. 345.

<sup>49</sup> Atos Cap.2.

seja, bestiais.

Não satisfeitos em pensar como todo mundo pensa, sem ao menos questionar à luz de valores pessoais e sociais reconhecidos, a sociedade atual parece agir em muitos momentos de forma anticristã.

Parece normal usar da corrupção e propinas como forma de conseguir seus intentos, explorar a sexualidade alheia para obter lucros em casas de prostituições, ou meros prazeres hedonistas, comprar e vender produtos contrabandeados sem o menor pudor, negociar objetos adquiridos por meio de crimes. Participar ou se beneficiar do crime organizado deixou de ser questionável, até porque algumas pessoas dizem que: “se a intenção for boa, Deus perdoa”. Muitos humanamente agem assim, em perfeita consonância com as ações da besta, mas absolutamente contrários às ações cristãs.

Parece fazer todo sentido a afirmação apocalíptica de que aquele número é marca de homem. Sem ele, ninguém poderá comprar ou vender, e estas são ações humanas reais. De fato, precisa de muita sabedoria e inteligência para compreender um significado tão importante e, a partir de então, pensar e agir biblicamente.

O mundo moderno parece caminhar rumo à adoção de um paganismo descontrolado, em que tudo que um dia foi considerado contrário a Deus se tornou normal e até exigido que se faça ou pelo menos que pense nele. É uma cultura voltada ao prazer e à satisfação do eu acima de tudo. Daniel alertou as pessoas sobre o que aconteceria no final dos tempos e que este seria o comportamento reinante na sociedade. Quem for sábio entenderá!

João recebeu visões semelhantes, confirmando aquilo que fora narrado pelo profeta séculos antes. A besta, o anticristo ou o falso profeta serão pessoas reais que, com argumentos reais, convencerão muitas pessoas a seguirem seus passos, pensando e fazendo de tudo para contrariar Deus, e o pior, talvez façam isso em nome Dele. Conforme afirmou Daniel, quem for sábio entenderá! A abominável desolação pode estar mais perto do que se pensa.

O mundo pós-moderno parece demonstrar, claramente, que vive numa cultura antideus. No entanto, a melhor e mais humilde conclusão possível é aquela em que se pode afirmar que certamente a incerteza permanecerá até a consumação dos tempos quanto ao significado do número 666 – a marca da besta. A hipótese aqui levantada talvez se apresente como o maior limite a que se pode chegar por enquanto, até porque, possivelmente, os únicos

que poderiam entender este simbolismo foram os destinatários da literatura apocalíptica, mas nem isso se pode afirmar.

## REFERÊNCIAS

ARCHER, Gleason Leonard. **Enciclopédia de temas bíblicos**: respostas às principais dúvidas, dificuldades e “contradições” da Bíblia. São Paulo: Vida, 2001.

**Bíblia Sagrada**. Versão a Bíblia de Jerusalém: nova edição, revista. São Paulo: Paulinas.

**Bíblia Sagrada**. Versão Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil.

BRUCE, F. F. **João**: introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 1987.

CARSON, D. A. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

CHAVES, Irênio Silveira. **Mateus**: o evangelho do reino. Rio de Janeiro: JUERP, 2005.

HUNT, Dave. **Jerusalém**: um cálice de tontear. Porto Alegre: Actual, 1999.

OSBORNE, Grant R. **Comentário exegético**: Apocalipse. São Paulo: Vida Nova, 2014.

PATE, C. Marvin. **As interpretações do Apocalipse**: quatro pontos de vista. São Paulo: Vida, 2003.

STERN, David H. **Comentário judaico do Novo Testamento**. Belo Horizonte: Atos, 2008.

STOTT, John. **Entenda a Bíblia**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

STUART, Douglas; FEE, Gordon D. **Manual de exegese bíblica**: Antigo e Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2008.

WALVOORD, John F. **Todas as profecias da Bíblia**. São Paulo: Vida, 2000.

YOUNGBLOOD, Ronald F.; HARRISON, R. K. **Dicionário ilustrado da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2004.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional